

PERSPECTIVAS TEÓRICAS E APLICADAS DO ENSINO DA ESCRITA E DA ORALIDADE NAS ESFERAS ESCOLAR E ACADÊMICA

Como escrita e leitura são modos cultural e ideologicamente definidos de agir e fazer sentido nos grupos e comunidades, são, portanto, atividades distintas mas profundamente interconectadas. Da mesma forma, as modalidades oral e escrita de uso da língua são vistas como de função complementar nas práticas letradas de comunicação (Signorini, 2001, p. 11).

Esta apresentação é o resultado da nossa reunião como pesquisadores ancorados em diferentes perspectivas teóricas e aplicadas em investigações em torno da língua(gem), porém, uníssonos sobre as relações entre escrita e oralidade (cf. Signorini, 2001). Encontramo-nos, pois, um investigador inclinado ao campo aplicado dos estudos da língua(gem), dentro do qual se vincula ao estudo da produção textual oral e escrita; uma linguista aplicada, que trabalha na perspectiva sociocultural dos letramentos; um cientista da linguagem comprometido com a formação de professores de português, com especial atenção aos estudos da escrita e da reescrita e um pesquisador que intercambia entre os campos da linguística aplicada e da educação, com interesses voltados à escrita e aos letramentos, especialmente em contextos de formação de professores.

De (des)semelhanças em lugares epistemológicos, nosso quarteto se dispôs, por meio da organização deste dossiê temático, a conhecer trabalhos contemporâneos que têm sido desenvolvidos no abrangente espectro dos estudos da linguagem, sobretudo, quando preocupados com o ensino e com a pesquisa em ensino, haja vista nossa formação e atuação também como professores e formadores de professores, respectivamente, na Universidade Regional do Cariri (URCA), na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), no Instituto Politécnico de Leiria (IPL - Portugal) e na Universidade de Pernambuco (UPE).

Também na (im)precisão de nossos olhares, percorremos os artigos que compõem a edição para os caracterizarmos em seu conjunto, neste momento de abertura. De antemão, percebemos que, assim como nossas diferentes formações e atuações, os textos deste volume representam distintas perspectivas teóricas e aplicadas para o ensino da escrita e da oralidade. Destarte, essa micro reunião de trabalhos sugere uma diversidade ainda maior: as múltiplas possibilidades de observar, analisar, compreender, investigar e/ou praticar o ensino da escrita e da oralidade, especificamente no que tange às esferas escolar e acadêmica.

Neste dossiê, trazem-se doze artigos com abordagens teórico-metodológicas variadas que, não raro, divergem entre si, assim como entre os organizadores, que, por suas vezes, também apresentam distinções no modo como operam com a linguagem em suas pesquisas. A fim de apresentar os textos, eles foram organizados pelas tônicas que seus autores lhes imprimiram, isto é, com acentuação ora na escrita ora na oralidade, ainda que seja necessário frisar que não dissociamos de modo estanque as relações entre oral e escrito (Signorini, 2001). Contrariamente, advogamos pela “sobreposição e imbricamento dessas duas modalidades numa mesma atividade de comunicação social, o que invalida a apreensão dicotômica tradicional entre oralidade e escrita (Rojo 1995, Terzi 1995 e Signorini, 1999)” (Signorini, 2001, p. 11). Por isso, nossa opção foi por dispô-los, nesta apresentação, de modo intercalado entre suas ênfases e não em dois conjuntos separados. Na sequência, especificamos cada um deles.

No primeiro artigo, “Das OCEM às versões da BNCC: sistematizando concepções de produção textual”, Antonio Naéliton do Nascimento (UFCG/URCA) e Denise Lino de Araújo (UFCG) analisam comparativamente as concepções de produção textual presentes nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM) e em duas versões da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a fim de verificarem os (des)alinhamentos entre os documentos. Os autores observam que, nas OCEM, a concepção de produção textual abarca tanto oralidade como escrita, o que não ocorre da mesma forma na BNCC – versão 2, em que este objeto não é explicitado como eixo e, em momentos em que é possível inferi-lo, está relacionado à escrita. Já na BNCC – versão homologada, a produção textual vislumbra, de forma recorrente, um caráter multissemiótico, realçando que, na montagem do que caracterizam como “documentos-monumentos”, existem seleções que implicam ganhos e perdas.

Dando foco à oralidade, o artigo “Da apresentação de trabalho na escola ao seminário na universidade: desafios no ensino de gêneros orais” analisa o percurso do gênero seminário do Ensino Médio ao Ensino Superior, examinando os desafios vivenciados pelos estudantes na transição entre esses contextos. Para isso, Marcella Fernanda Gomes Dias (UFSJ) e Laura Silveira Botelho (UFJF) recuperam relatos de graduandos quanto a suas experiências com o gênero focalizado, a partir dos quais realçam discontinuidades entre as práticas de oralidade no Ensino Médio e as demandas do Ensino Superior. Como pontuam as autoras, tais discontinuidades parecem impactar o modo como os estudantes se inserem nas atividades acadêmicas de pesquisa, produção de trabalhos e apresentações orais, o que implica na necessidade de práticas

pedagógicas mais integradas e reflexivas que articulem experiências de diferentes níveis de ensino.

Já Larissa Giacometti Paris (UFMG) e Flávia Danielle Sordi Silva Miranda (UFU), a partir do artigo “Conversas sobre o texto em pesquisas nos letramentos acadêmicos: emergências de escreventes em dinâmicas de conflitos na universidade”, dedicam-se a (re)apresentar e analisar o instrumento de pesquisa em escrita acadêmica denominado *conversa sobre o texto* e a demonstrar a sua relevância teórico-metodológica para estudos que assumem uma abordagem etnográfica orientada pelo texto. Com a mobilização de dados relativos a duas pesquisas sobre práticas de escrita acadêmicas, as autoras reiteram que a conversa sobre o texto pode possibilitar a emergência de percepções, crenças, posicionamentos e conflitos que permeiam os escreventes nas práticas de letramento que vivenciam durante o processo de escrita.

Em “Formação inicial de professores para o trabalho com gêneros orais: duas ações com estudantes da graduação em pedagogia”, Gabriel Aparecido Bragiatto (USF), Luzia Bueno (USF) e Anna Clara Roberto Thomaz (USF) analisam produções decorrentes de duas ações da formação inicial de professores com foco na oralidade. Os autores concentram-se nos gêneros videorresenha e resenha oral, com base nos resultados de pesquisas direcionadas à *modelização didática* e à elaboração de *sequência didática*, respectivamente, para defenderem o trabalho com o oral na formação inicial de professores, especialmente, em cursos de Pedagogia ou de Letras.

Logo após, encontra-se o artigo “Gênero mapa mental e os letramentos acadêmicos: uma proposta de intervenção didática”, assinado por Raquel Emanuele Leite Rocha (UPE) e Monique Alves Vitorino (UPE). As autoras argumentam em prol do trabalho com mapas mentais no Ensino Superior, a partir da análise de produções de acadêmicos de diversos cursos universitários, obtidos por meio de uma pesquisa aplicada e qualitativa. A partir da análise, as pesquisadoras apresentam uma proposta didática de leitura e produção de mapas mentais digitais à luz dos estudos de gêneros textuais-discursivos e dos multiletramentos. Assim, defendem o trabalho com mapas mentais como potente recurso didático-pedagógico na educação superior.

Por sua vez, o artigo “Revisitando a concepção de escrita como um processo na perspectiva cognitiva”, de Milene Bazarim (UFCG), considera que a produção de texto escrito é uma atividade complexa que envolve processos e saberes de diferentes naturezas. Por essa razão, objetiva (re)visitar a concepção de escrita como um processo na perspectiva cognitiva, a partir de uma pesquisa bibliográfica. Conforme a autora, os modelos que adotam essa perspectiva passaram por mudanças significativas, com ampliação de uma concepção inicial centrada na cognição individual, para dar vazão a uma dimensão social e contextual da escrita. Nessa direção, a produção de texto escrito é vista como um ato intencional, recursivo, guiado por objetivos relacionados a aspectos cognitivos, sociais, afetivos (motivacionais) e contextuais.

O estudo que segue é o de Bruna Costa Silva (UFPB) e Regina Celi Mendes Pereira (UFPB), respeitante ao papel da oralidade no ensino superior, denominado “Concepções e práticas da oralidade no agir docente nos cursos de Direito, Jornalismo e Letras”. O artigo investiga como docentes dos cursos de Direito, Jornalismo e Letras concebem e trabalham a oralidade na formação acadêmica. A partir de entrevistas, analisam de que modo gêneros orais — como debates, seminários e rodas de conversa — funcionam como ferramentas essenciais para desenvolver habilidades profissionais. Os resultados mostram que a oralidade é valorizada, mas pouco sistematizada nos currículos, sendo muitas vezes tratada como instrumento avaliativo, embora cumpra papel formativo central na construção da identidade profissional.

O próximo estudo, intitulado “Ensino de escrita e correção de erros ortográficos em produções textuais de alunos do 6º ano: um estudo de caso”, da autoria de Rafaella Martins de Abreu (UFOP), Rómina de Mello Laranjeira (UFOP) e Paula Cristina de Almeida Rodrigues (UFOP), investiga como dois professores de Língua Portuguesa do 6º ano lidam com a ortografia nas produções textuais dos alunos. A pesquisa, de abordagem qualitativa, analisou entrevistas com docentes e textos corrigidos. Constatou-se que ambos os professores não dedicam aulas específicas à ortografia, trabalhando-a de forma integrada à escrita. Os professores recorrem a diversas estratégias de correção — *indicativa*, *resolutiva* e *textual-interativa* — e valorizam o diálogo pós-correção para promover reflexão e desenvolvimento ortográfico.

O artigo “Inês&Nós: ler, imaginar e escrever novas vidas para Inês de Castro na prevenção à violência contra mulheres na escola”, de Leandro de Sousa Almeida (UEPB) e Valéria Andrade (UEPB), relata a experiência da oficina Jovens Escritores, desenvolvida na rede pública de Sumé-PB, que integrou leitura, imaginação e escrita, a partir do mito de Inês de Castro para discutir e prevenir a violência contra mulheres. Utilizando o método *LerAtos*, os estudantes vivenciaram etapas de fruição, criação e doação, produzindo minicontos que reinventam Inês na contemporaneidade. A proposta une educação e cultura, estimulando consciência crítica, criatividade e protagonismo juvenil.

Na sequência, o artigo “Contribuições da abordagem Dogme ELT para práticas de oralidade na sala de aula de língua inglesa: possibilidades para a educação básica”, de Vinícius Teixeira Gomes (UFPA) e Walkyria Magno e Silva (UFPA), apresenta a análise de uma experiência desenvolvida na Educação Básica com foco na abordagem *Dogme ELT* para ensino de língua inglesa. Com o objetivo de relacionar tal proposta às orientações da BNCC (Brasil, 2018), os autores apontam, nos resultados da pesquisa, que as atividades desenvolvidas favorecem uma leitura menos prescritiva do documento, na medida em que a personalização e a ênfase nas necessidades emergentes foram priorizadas no ensino de língua estrangeira.

Com o artigo “O gênero relatório de estágio: organização composicional e ações languageiras do agir docente nos cursos de História e Ciências Biológicas”, de Juliana Marcelino Silva (UEPB) e Regina Celi Mendes Pereira (UEPB), o foco recai sobre a escrita do relatório de estágio de licenciandos em uma universidade pública, com fundamento no Interacionismo Sociodiscursivo (ISD). Em seus achados, as autoras sugerem alterações em termos composicionais e linguístico-discursivos nos gêneros, a partir de questões sociais, interacionais e das áreas de conhecimento, entre outras.

O último artigo “O papel do monitor no desenvolvimento das capacidades de linguagem dos alunos em processo de alfabetização acadêmica”, de Bruno Pedro da Silva (UEPB) e Marcela de Melo Cordeiro Eulálio (UEPB), tematiza as práticas de escrita no Ensino Superior, com foco no ensino de resenha para o curso de Letras. Nesse sentido, a pesquisa analisa o processo de ensino-aprendizagem em relação à escrita e à reescrita do gênero supracitado, sob a supervisão de um monitor. Diante dos resultados, os autores destacaram progressos e desafios quanto ao desenvolvimento das capacidades de linguagem dos estudantes. E, com isso, evidenciam a importância da monitoria como fator de potencialização do processo do que qualificam como “alfabetização acadêmica”.

Por fim, mediante a diversidade de trabalhos apresentados neste dossiê, reafirmamos a pluralidade das pesquisas nas ciências da linguagem, que exploram variadas perspectivas teóricas, metodológicas e analíticas para o estudo da escrita e da oralidade. Em particular, esta reunião de artigos contempla diferentes modos de ensino do oral e do escrito, tanto na esfera escolar como na acadêmica. Por isso, acreditamos

que a leitura de cada texto pode fomentar importantes reflexões quanto aos objetos em investigação, com contribuições instigantes à continuidade da agenda científica contemporânea.

Antonio Naéliton do Nascimento
Universidade Regional do Cariri

Flávia Danielle Sordi Silva Miranda
Universidade Federal de Uberlândia

Luís Filipe Tomás Barbeiro
Instituto Politécnico de Leiria

Roberto Barbosa Costa Filho
Universidade de Pernambuco

DOI: <https://10.5281/zenodo.18947915>

Referências

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular:** Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de educação básica. **Orientações curriculares para o ensino médio; volume 1.** Brasília: MEC/SEB. 2006. (Linguagens: códigos e suas tecnologias).

SIGNORINI, I. Apresentação. In: SIGNORINI (Org.). **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001, p. 7-19.